

**Apropriação da *webgrafia*
*em pesquisa escolar***

Por Lenir Maria Rossarola

APRESENTAÇÃO

O presente livro digital faz parte da proposta defendida pela autora em sua dissertação de mestrado APROPRIAÇÃO DA *WEBGRAFIA* EM PESQUISA ESCOLAR: LETRAMENTO DIGITAL E CONSTRUÇÃO DE AUTORIA, na área de concentração Linguagens e Letramentos e linha de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino, orientada pela Pro^a Dr^a Cristiane Lazzarotto-Volcão, do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UFSC.

Além de refletir sobre a produção do gênero pesquisa escolar, tratamos da pesquisa escolar *webgráfica*, salientando a importância da orientação e acompanhamento. Destacamos a organização estrutural do gênero pesquisa escolar. Ademais, trouxemos algumas formas de apropriação da *webgrafia* seja na forma escrita bem como em representação gráfica. Tudo isso, reforçando a necessidade de letramentos digitais, na pretensão de colaborar com a formação do aluno pesquisador e autor de seu texto.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. O GÊNERO PESQUISA ESCOLAR
3. A PROPOSTA: orientação e acompanhamento
4. O LETRAMENTO DIGITAL
5. A CONSTRUÇÃO DE AUTORIA
6. A PESQUISA WEBGRÁFICA
7. ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL
8. APROPRIAÇÃO DO MATERIAL DA WEB: escrita
9. APROPRIAÇÃO DO MATERIAL DA WEB:
representações gráficas
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. INTRODUÇÃO

A voz da experiência no exercício do cargo de professor faz crer que, atualmente, a pesquisa escolar acontece com muita frequência, em todas as áreas.

Hoje as pesquisas não são realizadas em livros, recorre-se diretamente à internet.

Quando utilizamos referência de livros, chamamos bibliografia; e, quando utilizamos referência da web, chamamos webgrafia. Pinheiro (2010, p.1), esclarecendo o termo importado “webgrafia”, coloca:

A língua portuguesa caracteriza-se pela construção de unidades com recurso às regras disponíveis na língua, ou à reutilização de termos ou palavras, com aquisição de novos significados e/ou referências, ou, ainda, à importação de termos. Inclui-se aí o termo webgrafia / webografia [web + -o- + (biblio)grafia] e webliografia [web + (bi)bliografia] – todas as formas recensadas em trabalhos de cunho acadêmico, para denominar a lista de endereços URL, onde foram encontradas informações relevantes para a realização do trabalho de pesquisa.



Quanto à apropriação da webgrafia para fugir do Ctrl+C/Ctrl+V, salientamos que, em entrevista a uma revista, Patrícia Peck, advogada renomada, autoridade quando o assunto é Direitos Digitais, fala sobre a cópia e a ética. O papel da escola, segundo ela, também é de instruir os alunos quanto ao uso ético dos conteúdos veiculados na web.

2. O GÊNERO PESQUISA ESCOLAR

De acordo com a visão bakhtiniana, o gênero consiste em enunciados organizados em dado momento sócio-cultural, correspondendo a resultado de interações interpessoais.

No caso da pesquisa escolar, o gênero segue certa organização estrutural e de linguagem (escrita).

Quando a pesquisa é realizada com material da *web*, temos a pesquisa *webgráfica*. Mais comum na atualidade.

Os nativos digitais (PRENSKI, 2001) são considerados *homo sapiens* (VEEN; VRAKKING, 2006) e precisam da orientação do professor para a apropriação do material da esfera virtual para que este lhe sirva como subsídio referencial em seus trabalhos do gênero pesquisa escolar.

Segundo Demo (2006, p. 36), a pesquisa deve entrar “na medula do professor e do aluno”, porque pesquisar educa.

Formar um aluno pesquisador é um enorme desafio!

3. A PROPOSTA: orientação e acompanhamento

Quando há o lançamento de proposta de trabalho de pesquisa escolar webgráfica, a orientação e o acompanhamento são fundamentais. A orientação deve ser consistente, muito além de combinar tema e data de entrega.

[...] é importante que alunos e professores levantem as principais questões relacionadas com a pesquisa: Qual é o objetivo da pesquisa e o nível de profundidade desejado? Quais são as “fontes confiáveis” para obter as informações? Como apresentar as informações pesquisadas e indicar as fontes nas referências bibliográficas? Como avaliar se a pesquisa foi realmente feita ou apenas copiada? (MORAN, 2012, p. 105)

É preciso esclarecer tema e assuntos, o objetivo, sugerir *sites* ou explicar sobre *sites* confiáveis, ensinar como indicar fontes e formas de apropriação de texto alheio bem como combinar como será a divulgação ou apresentação final.

4. O LETRAMENTO DIGITAL

“Na nova realidade tecnológica, o tempo da educação é o tempo da vida.” (KENSKI, 2007, p. 124)

Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2002, p. 2)

Assim sendo, atividades que utilizam práticas de letramentos digitais são bem-vindas no contexto escolar, uma vez que a pretensão é de formar cidadãos críticos e autônomos para atuarem positivamente na sociedade.

As escolas precisam mudar as formas de conduzir o processo de ensinar e aprender, incluindo atividades que envolvam letramentos digitais, por já se tratar quase de uma exigência social.

5. A CONSTRUÇÃO DE AUTORIA

A compreensão que autor é quem escreve a obra simplesmente foi interceptada por várias outras discussões pertinentes. O autor produz com as palavras da interação com o outro? Divide sua autoria com o leitor? O autor morre quando a escritura começa?

[...] realmente nenhum autor é dono de suas palavras, não só porque aquelas que usa não lhe são próprias, exceto por esquecimento da origem, mas também porque os leitores dão outra vida às palavras em suas formas de construir diferentes compreensões. Um texto, tornado público, pertence ao público leitor.
(GERALDI, 2012, p. 4)

Embora haja discussões em torno do "lautor", das diferenças entre autor-pessoa e autor-criador, para efeito da escrita do trabalho do gênero pesquisa escolar, consideramos autor aquele que escreve seu texto e que assina como responsável pelo teor contido nele.

Colaborar para o aluno constituir-se autor é um esforço paulatino a cada ano escolar.

6. A PESQUISA *WEBGRÁFICA*

Pretendemos formar alunos críticos e autônomos, então temos de nos engajar em novas formas de atuação pedagógica, e a pesquisa escolar é uma delas.

Precisamos ensinar os alunos a – eles próprios, de maneira autônoma e crítica - apreender conteúdos, formar suas convicções e esboçar soluções, pois este será o desafio que enfrentarão fora dos muros da escola e da universidade. (MENDES, 2009, p. 63)

É certo que o ato de pesquisar só enriquece nossas experiências, nossos conhecimentos.

As bibliotecas e seus livros eram a fonte de pesquisa, hoje a tela roubou o espaço e temos, então, a pesquisa *webgráfica*.



7. ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL

A organização formal do trabalho escolar segue as normas da ABNT (2011).

Para considerarmos uma boa apresentação, o trabalho de pesquisa escolar pode conter:

- a) capa e folha de rosto (ou somente capa);
- b) introdução;
- c) corpo com tema e assuntos desenvolvidos;
- d) conclusão;
- e) e referências.

É importante que haja uma combinação entre professores e alunos quanto a esta questão.

Sugerimos esta organização e apontamos algumas dicas para facilitar a escritura:

Para introdução: **O presente trabalho vai tratar do país... Vamos trazer o tema, explicando sobre...**

Para conclusão: **Este trabalho foi muito importante para mim, porque... Aprendi que...**

Ainda, consideramos relevante ensinar notas de rodapé, citações e como colocar as devidas referências.

As **notas de rodapé** são esclarecedoras e podem consistir em uma forma de apontar a fonte ou apenas agregar informação útil à compreensão do sentido de alguma palavra, de algum trecho de texto, ou de algum autor referido no texto.

As **referências** ao (s) autor (es) seguem a normalização. Seja nas citações diretas e indiretas bem como no caso da bibliografia e da *webgrafia*.

Sempre que for inserir imagem ou texto alheio, deve-se acrescentar a fonte.

Figura 2 - Mundo digital



Fonte: <http://www.mundodigital.art.br/view/mundo-digital-web-e-design.htm>.

8. APROPRIAÇÃO DO MATERIAL DA WEB: escrita

Uma maneira de se apropriar do material da web é através da leitura e **síntese** (ou resumo) do material, citando a fonte. É preciso ler o texto, depreender dele o que é importante (seja marcando palavras-chave, fichamento ou outra técnica) e reescrever contando o que aprendeu sobre o conteúdo.

Resumir é resultado de leituras, de análises. É dizer, em poucas linhas, o essencial e importante que o leitor captou. É preciso que o leitor, mesmo sem conhecer o texto original, entenda a ideia contida no resumo como se estivesse diante de todo o texto original. Há uma apropriação do texto original na reescritura sintética, devendo a síntese ser em menor número de palavras que o original e com o mesmo sentido. Resumir ou sintetizar só é possível quando o leitor entende o conteúdo.

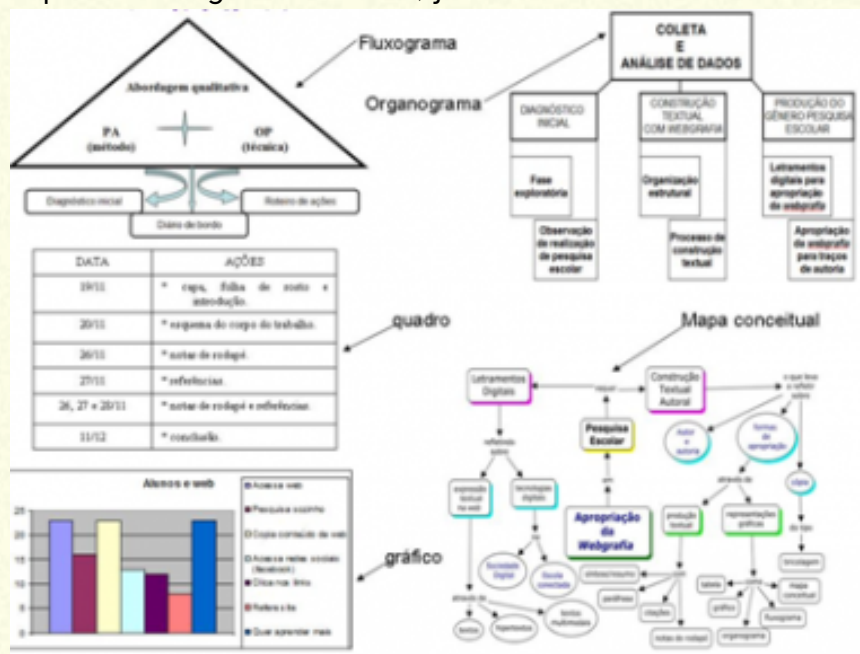
Resumir é sintetizar, mostrando o que aprendeu, só assim será de grande valia ao aprendizado.

Outra forma possível de nos apropriarmos do texto do outro é através da **paráfrase**. Ela nos permite reescrever o texto do outro com uma pincelada de nossa seleção vocabular, de nossa composição estilística, ou seja, com traços autorais. Há autores que não consideram a paráfrase uma boa opção para apropriação de conteúdo porque não carrega originalidade, pelo menos não de uma forma completa. Paráfrase invertida, por exemplo, é apenas uma inversão de frases, períodos, trata-se de uma construção pobre, que pouco demonstra autoria para alguns estudiosos. Entretanto, não deixa de ser mais uma forma possível de apropriação do material da web, da *webgrafia*.

Quando as palavras de um autor são, aos nossos olhos, tão de acordo com nosso modo de pensar, utilizamos a cópia fiel do texto do outro e referimos. Podemos resumir, parafrasear ou citar fidedignamente. As **citações** podem ser diretas (curtas - no correr do texto ou longas - com recuo), indiretas e ainda podemos fazer uma citação de citação.

9. APROPRIAÇÃO DO MATERIAL DA WEB: representações gráficas

Para apropriação através de representações gráficas, podemos construir tabelas, ou planilhas e gráficos, ou fluxogramas, e/ou mapas conceituais, ou mapas mentais. Tudo vai depender do conteúdo e da forma que o usuário quer representar, ou que ele julgar representar melhor. Há conteúdos possíveis de representar graficamente, já outros não.



10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter colaborado para mostrar a seriedade que envolve formar aluno pesquisador e aluno autor, que saiba utilizar letramentos digitais e formas de apropriação da *webgrafia*.

Este material pedagógico receberá complementações a qualquer tempo, servindo sempre como apoio a professores e alunos que trabalham com pesquisa escolar na *web*.

A prática de copiar e colar, enquanto processo de construção textual, gera efeito bricolagem e pode representar traços de autoria textual. Cabe aos professores ajudarem seus alunos a evoluírem para a construção textual com maiores indícios de autoria.

E fica a pergunta:

Como a “apropriação dos discursos” é possível quando os textos estão sujeitos a reescrituras múltiplas, à fragmentaridade resultante da ação de escolhas inesperadas dos leitores e de um “copiar/colar” que ignora a autoridade do produtor? (Fabiana Komesu, 2005, p. 103)

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.

ABNT NBR 14724:2011: informação e documentação:

trabalhos acadêmicos: apresentação. 3. ed. Rio de Janeiro, 2011.

GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 6ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KOMESU, Fabiana. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (orgs.) Interação na internet: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 87 - 108.

MENDES, Fábio C. R. Um novo modelo de ensino para o século XXI. Revista Pátio, ano XIII, nº 51, ago/out, 2009.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas,SP: Papirus, 2012.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. MCB University Press, 2001.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. Homo Zappiens: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Webgrafia

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 2010. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006. Disponível em <http://pt.slideshare.net/iaisahelena/livro-pedro-demo-pesquisa-principio-cientifico-e-educativo-aby>. Acesso em 16/2015.

MOREIRA, Marco Antônio. Mapas conceituais e aprendizagem significativa. Instituto de Física – UFRGS, 2010. Disponível em <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>. Acesso em 28/09/2015.

Mundo Digital Web e Design: criando soluções: investindo em ideias. 2014, p. 1. Disponível em <http://www.mundodigital.art.br/view/mundo-digital-web-e-design.htm>. Acesso em: 18/08/2015.

PINHEIRO, José Maurício Santos. Bibliografia e webgrafia. In: Projeto de redes, 2010. Disponível em http://www.projetoederedes.com.br/artigos/artigo_bibliografia_e_webgrafia.php. Acesso em 20/jun./2014.

ROSSETO, Marcela. Sociedade digital. Revista Visão Jurídica. Edição 56, 2011. Disponível em <http://revistavisaojuridica.uol.com.br/advogados-leis-jurisprudencia/56/artigo207286-1.asp>. Acesso em 14/08/2015.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. 2002. Núcleo de Estudos de Hipertexto e tecnologia Educacional- NEHTE. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>. Acesso em 18/08/2015.